

Espécie exótica prolifera sem controlo no Norte

O vison americano não serve só para fazer casacos, também ameaça a lontra e o toirão

Susana Ramos Martins

● Terá sido a indústria que produz animais para a utilização das suas peles a responsável pela introdução “acidental”, em Portugal, de uma espécie exótica que está a colocar em risco recursos marinhos e a sobrevivência de animais que já tinham o estatuto de espécie ameaçada. Há mais de duas décadas que o vison americano, uma espécie invasora oriunda da América do Norte, prolifera em território nacional sem qualquer tipo de controlo.

Alguns biólogos portugueses já estudaram este pequeno carnívoro (*Mustela vison*), mas só no ano passado arrancou o projecto financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia que tem por objectivo a caracterização da espécie e da forma como vive em Portugal. O estudo decorre até 2012, a cargo do Centro de Biologia Ambiental da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. A coordenadora, Margarida Santos Reis, apesar do trabalho em curso, considera que “há muito que se deveria ter começado a actuar, até porque a situação estava muito confinada ao canto Noroeste do país”.

Acredita-se que o vison americano (ou visão-americano, como também é denominado) foi introduzido em Portugal no final da década de 1980. Segundo biólogos espanhóis (Vidal Figueroa & Delibes, 1987), terá ocorrido de forma accidental, com os animais a fugirem de uma quinta de criação em Valença. Os primeiros visons americanos em liberdade foram detectados no rio Minho, na fronteira com a Galiza.

“É um animal muito cobiçado, por causa da sua pele”, explica o zoólogo Hugo Costa. Foi para dar resposta à procura intensa de casacos de pele de vison pela indústria da moda, que o vison americano foi introduzido na Europa. Espalhou-se por diversos países, com maior incidência em Espanha, Rússia, e países bálticos, colocando em risco espécies endógenas e até recursos marinhos (o que, nos próximos

anos, poderá ter impacto nas pescas). O animal, com hábitos semi-aquáticos, que vive em ambientes de água doce ou salgada, já foi detectado no litoral do Grande Porto, no Gerês e no Tua.

“Nós até lhes temos um certo carinho”, confessa o pescador Vasco Presa, que convive diariamente com o vison americano no portinho de Vila Praia de Âncora. O animal foi detectado pela primeira vez há cerca de três anos e por ali tem andado graciosamente, procriando e convivendo com a população. Esta aparente ausência de receio do vison americano perante o ser humano é explicada por Francisco Álvares, biólogo do Centro de Investigação em Biodiversidade e Recursos Genéticos da Universidade do Porto, com o facto de o bicho nunca ter sido perseguido em território nacional. “O visão-americano é um animal que a maioria dos portugueses não conhece. Mesmo quando o vêem, olham para ele e não sabem o que é.”

Vasco Presa sabe que é com a pele do vison americano, com um pêlo escuro e brilhante, que se fazem casacos, mas nada disso lhe interessa. O animal não lhe perturba a vida. “Apenas caça uns camarões no portinho

e come alguns ratos”, conta o pescador. Nada que incomode os homens do mar. Por enquanto.

Hugo Costa explica que o vison americano compete com espécies nativas, algumas já ameaçadas, mesmo antes da entrada deste animal exótico ter sido introduzido no seu habitat. O toirão e a lontra, que disputam o mesmo território do vison e que têm características físicas muito semelhantes, são as que se encontram na situação de maior risco. “Em termos de consumo de recursos alimentares, de anfíbios e de pequenos mamíferos, o vison americano acaba por ser um predador adicional à nossa fauna, que vai acabar por comer aqueles pequenos animais todos”, sublinha o zoólogo, que classifica esta situação como verdadeiramente “problemática”. “Se a população de visons americanos crescer muito, pode diminuir a de algumas comunidades de anfíbios e de micro-mamíferos”, argumenta.

Outro risco passa pela hibridação (cruzamento entre espécies diferentes), com a lontra e o toirão, o que levaria a perder-se “o património genético de uma espécie ameaçada”, alerta Francisco Álvares.



WAYNE LYNCH/ALL CANADA PHOTOS/CORBIS

Muito procurado para casacos, é uma ameaça para recursos marinhos